

OLHARES SOBRE A REALIDADE DO RIBEIRINHO: UMA CONTRIBUIÇÃO AO TEMA.¹

Josélia Fontenele Batista Cabral

RESUMO: Trata das variadas leituras que são elaboradas dos ribeirinhos, as leituras são variadas; ora são tratados como vítimas de uma sociedade excludente, ora como índios, preguiçosos, como heróis das selvas por conseguirem adaptar-se a uma floresta e raras vezes como pessoas que definiram uma filosofia de vida, o fato é que, em geral, o ribeirinho é marginalizado.

PALAVRAS-CHAVE: Ribeirinho, Leituras, Heróis.

ABSTRACT: When it is spoken about the riverine ones the readings they are varied; for now they are treated as victims of an excluding society, for now as Indians, lazy, as heroes of the jungles for they get to adapt to a forest and rarely as people that defined a life philosophy, the fact is that, in general, the riverine is marginalized.

KEYWORD: Riverine, Readings, Heroes.

O olhar é com certeza o método de pesquisa mais utilizado em todos os tempos, porém o que varia é a leitura que o observador faz da realidade. Cada pesquisador analisa uma determinada realidade com base em seus próprios conceitos e verdades.

Quando se fala dos ribeirinhos as leituras são variadas; ora são tratados como vítimas de uma sociedade excludente, ora como índios, preguiçosos, como heróis

¹ Artigo apresentado como pré-requisito parcial à aprovação na disciplina de Populações Tradicionais, ministrada pelo Prof. Josué da Costa Silva.

² Licenciada em Geografia e Pós-graduada em Gestão Escolar pela Universidade Federal de Rondônia.

das selvas por conseguirem adaptar-se a uma floresta e raras vezes como pessoas que definiram uma filosofia de vida, o fato é que, em geral, o ribeirinho é marginalizado.

A marginalização do ribeirinho surge da leitura que nós, “doutores”, fazemos, erroneamente, tomando por base o que julgamos importante para nós mesmos. Outro aspecto que tem contribuído para a não adoção de uma análise relativista é o discurso baseado em interesses capitalistas sobre o uso do tempo e do espaço em favor da produção.

O ribeirinho integra o grupo das populações tradicionais que se percebe pertencente à natureza, em seu tempo e espaço próprios, fluindo com ela e não a dominando.

“... temos como definição de “ribeirinho” a população constituinte que possui um modo de vida peculiar que a distingue das demais populações do meio rural ou urbano, que possui sua cosmovisão marcada pela presença do rio. Para estas populações, o rio não é apenas um elemento do cenário ou paisagem, mas algo constitutivo do modo de ser e viver do homem”. Silva e Souza Filho (2002:27)

Entendemos que este modo de vida peculiar liga-se diretamente a natureza; é sua maneira de viver que permite uma relação harmônica com o seu espaço numa perspectiva sustentável, uma organização social diferenciada da urbana e uma relação econômica não ligada à produção do excedente como exige o capitalismo. É necessário compreender o ribeirinho não só como àquele que vive a margem do rio, mas aquele que respeita o rio, tendo a natureza como subsidiadora de toda sua riqueza material e cultural, riqueza não na acepção capitalista, mas no sentido de valor atribuído individual e coletivamente, de uso material e imaterial.

“É graças a esta forma peculiar do olhar do homem da região (que a Amazônia, que sempre se constituiu para os viajantes e estudiosos um espaço delimitado de geografia e cultura), tornou-se também uma extensão ilimitada às instigações do imaginário.” Loureiro (1995:59)

Oliveira (2002:17) define populações tradicionais como as “populações remanescentes dos fracassados ciclos de desenvolvimento econômicos implementados na região”.

Nestes ciclos econômicos, o contato do ribeirinho com o índio foi uma constante realidade que o ajudou a não adotar o modelo civilizatório imposto à

natureza. No processo de transformação da floresta em espaços de produção capitalista, muitos usaram o termo de “amansar a mata”, mas na verdade que foi “amansado” foi o próprio homem, no caso, o ribeirinho, que reencontrou raízes ancestrais de relações diretas com a natureza, agora não na ótica da dominação, mas na da convivência pacífica; um não ataca o outro para que não se destruam.

A convivência “pacífica” do ribeirinho com o rio e com a floresta dá-se segundo leis próprias, alheias a visão de uma sociedade urbana ou rural capitalista em relação ao que seja certo e errado.

Na realidade do ribeirinho encontramos os mitos, os quais são códigos da lei mediadora de convivência entre o ser humano e a natureza. Esta lei, caso transgredida gera sofrimento ao seu transgressor. A linguagem mítica vem ora simplificar o entendimento de algumas mensagens, ora mascarar ou re-explicar verdades sociais que para o ribeirinho, seriam inconcebíveis. O isolamento geográfico que o ribeirinho enfrenta proporciona-lhe liberdade para a criação das normas de convivência, ainda que inconscientes.

“Na Amazônia seus mitos, suas invenções no âmbito da visualidade, sua produção artística, são verdades de crenças coletivas, são objetos estéticos legitimados socialmente, cujos significados reforçam a poetização da cultura da qual são originados. A própria cultura amazônica os legitima e os institui enquanto fantasias aceitas como verdades.” Loureiro (1995:85)

No grupo social dos ribeirinhos a transmissão do conhecimento, segundo Silva e Souza Filho (2002:29), ocorre preferencialmente de forma oral. Este fato assemelha muito estas comunidades às comunidades primitivas em que a educação tinha um caráter integrador para o educando, uma relação direta com a sua vida e proporcionava-lhe um sentimento de importância dentro do grupo social ao qual se incluía. Este aspecto integrador de conhecimentos se perdeu em nossa sociedade “civilizada” com os sucessivos “avanços” educacionais e agora o buscam sem sucesso.

“A cultura de cada país ou de cada povo tem sua maneira própria de realizar de forma original a experiência universal da vida, não só no conjunto das diferentes atitudes do indivíduo ou do grupo como no âmbito das circunstâncias humanas que o envolvem. Situações essas nas quais, mesmo em condições de isolamento, como no caso da Amazônia até os anos 70, sob a ação da transversalidade penetrante da função mítica, relacionam funcionalmente a experiência individual com essa totalidade que constitui a realização plena da experiência humana.” (Loureiro 1995:102)

É interessante ressaltar como o olhar capitalista retrata as populações tradicionais e imprime-lhes sua deformação:

“A Jari é constantemente acusada de ter promovido um problema social ao atrair a população para a área. Mas de outra forma, onde estaria essa população, que não faz controle de natalidade? Certamente seria menor, não há dúvida; a malária, a verminose e a destruição fariam esse controle, mas mesmo assim hoje ela seria grande. Por outro lado, não é justo que nosso caboclo seja condenado a viver eternamente como bicho na mata. Ir para a cidade, mesmo que no início pagando um altíssimo preço, e muitas vezes alguns sucumbem, é a única alternativa para tentar dar educação a seus filhos, para que estes tenham uma vida melhor que a dele e possam ser úteis a si mesmos e a região”. Lins (1997:128)

O trecho acima citado faz parte de uma obra escrita pelo historiador Cristóvão Lins, filho de um desses coronéis da Amazônia que enriqueceram explorando os migrantes ao longo dos ciclos econômicos. A referência que este autor faz é ao Beiradão (hoje a cidade de Laranjal do Jari), que passou por processos de abandono, opressão e retomada das atividades extrativistas. A verdade é que o autor enfatiza o “favor” que o Projeto Jarí, entre outros empreendimentos, prestou às populações que viviam isoladas na mata em lhes atrair e lhes dar a cidade como uma tábua de salvação.

A idéia é que estas populações seriam dizimadas pelas doenças da miséria, isto por que despreza o saber deste caboclo sobre as ervas medicinais e outras práticas curativas. Assemelha-os ainda, a animais quando usa a expressão “bicho do mato”.

Para Lins uma vida de indigência, desemprego, humilhação, prostituição das filhas e filhos é melhor quer viver na mata. Para o autor é preciso oferecer-lhes escolhas:

“E ainda existem os céticos que generalizam que o amazônida vive feliz. Não digo que não tenha um pouco de verdade, mas se ele vive aparentemente feliz é por que não tem parâmetros para escolher.” Lins (1997:127)

Será que as empresas que se instalaram na Jari e desarticularam toda uma organização social foi uma escolha? Será que a moradia no meio urbano em favelas

e o subemprego são escolhas? A forma que o “doutor” concebe a realidade e a explica parece tão lógica, mas apenas para ele.

A última frase do discurso desse “doutor” é ainda mais impressionante e impregnada de desrespeito ao ribeirinho. Quando afirma que a educação e o sofrimento para tê-la é a única alternativa para uma vida melhor e para que possam (caboclos) ter uma vida útil a si mesmos e a região. Insere-se neste contexto a interpretação capitalista do trabalho, do tempo e da utilidade, ou seja, se o indivíduo não produz excedente para comércio a fim de beneficiar populações que não podem produzir seu alimento, este é considerado um inútil. A interpretação do ribeirinho sobre o tempo e trabalho é diferente da lógica do “doutor”.

Podemos assim definir as populações tradicionais como os indivíduos remanescentes dos ciclos econômicos que fracassaram e que resistindo as intempéries naturais, alcançaram conhecimentos sobre o meio ambiente por meio da experiência e/ou por contato com grupos indígenas, o que lhes proporcionou relações sustentáveis com o meio ambiente numa lógica cultural, temporal e econômica estritamente ligada à floresta.

O respeito à lógica do ribeirinho é o primeiro passo para empreender qualquer ação que venha a impactar sobre sua vida, seu cotidiano e seu espaço. Seu tempo é o do seu ambiente social e cultural, o da floresta. Sua produção é a mais importante, é a que lhe proporciona o suficiente.

Bibliografia

AMARAL, Januário; SILVA, Maria das Graças Silva Nascimento; SOUZA, Mariluce Paes (Orgs.). **Pesquisa na Amazônia: Intervenção para o desenvolvimento**. Vol. 1. Porto Velho/RO: EDUFRO, 2001.

LINS, Cristóvão. **A Jari e a Amazônia**. Rio de Janeiro: DATAFORMA em convênio com a Prefeitura Municipal de Almerim (PA), 1997.

LOUREIRO, João de Jesus Paes. **Cultura amazônica: uma poética do imaginário**. Belém: Cejup, 1995.

OLIVEIRA, Luiz Rodrigues. Campo e Cidade na Amazônia: tendência de urbanização e o desenvolvimento. **Revista Educação Popular na Amazônia - Educandos e Educadores**. Publicação das Escolas de Formação Sindical Amazônia e Chico Mendes. S/E,2001.

SILVA, Josué da Costa & SOUZA FILHO, Theóphilo Alves de. O viver ribeirinho. In: **Nos Banzeiros do Rio: Ação Interdisciplinar em busca da sustentabilidade em Comunidades Ribeirinhas da Amazônia.** Porto Velho/RO: EDUFRO, 2002.